HABACUC: UMA VISÃO BÍBLICA SOBRE A VIOLÊNCIA

Maria Laura Gorgulho

Introdução

Habacuc é um profeta que se redescobre a cada leitura, e que encanta com o alcance de sua visão no momento histórico conturbado em que viveu.

Este ensaio bíblico sobre o livro que traz o seu nome, que oferecemos aos leitores de "Estudos Bíblicos", quer colocar em suas mãos uma reflexão bíblica sobre a *violência* e a *idolatria de mercado* na sua originalidade e maior profundidade.

Neste momento de violência generalizada em que vivemos, aparecendo já dentro do lar, cujas vítimas são os próprios filhos, escapando pelas janelas e portas, se derramando pelas escadas, inundando as ruas e devorando, em cada esquina, incautos e vigilantes, o assunto parece adequar-se à pergunta que aflora em todos os lábios:

"Por que tanta violência? Até quando não teremos mais sossego e paz?"

Dividiremos o trabalho em três partes, cada uma de igual importância:

1. O contexto histórico do tempo de Habacuc;

2. A contextualização da violência para o povo de Deus na época do profeta;

3. O sentido do diálogo de Habacuc com Deus.

O contexto histórico nos ajudará a compreender melhor o que essa profecia significa para o "processo da violência" no emaranhado de opressões, desesperos, abuso de poder, busca de esperança, busca de segurança no cenário de total desumanização, provocado pela falta de conhecimento da justiça e violação do direito que imperava em Israel e no Oriente Médio. Por que não acrescentar "até os dias de hoje!"?

O texto dá uma visão dos desígnios de Deus na criação e na História e estimula à coragem de professar uma fé com a obstinada insistência em crer no poder onipotente de Deus atuante na vida individual e nos destinos do povo, para juntos provocarem a destruição dos ídolos.

Onde há o conhecimento de Deus, e o conseqüente seguimento de sua vontade, a fé reconhece a misericordiosa providência divina na vida dos povos, seu plano de capacitar o homem e dar-lhe a liberdade de administrar a vida na terra; reconhece seu imenso poder de mudar o que parece irreversível e de transformar as consciências, fazendo do próprio homem cooperador do criador, sujeito de transformações e libertador de sua escravidão.

Na segunda parte será analisado o sentido da violência no próprio texto. No terceiro momento será abordado o final do diálogo de Habacuc com seu Deus (Hab 3), na

bela oração de medo e súplica, de confiança na providência divina que luta sempre ao lado de seu povo, e seu triunfo final.

1. Contexto histórico do tempo de Habacuc

1.1. A pessoa de Habacuc

Nada se sabe sobre a pessoa do profeta. Alguns o identificam com o profeta Habacuc de Judá, que em Dn 14,32-38 foi transportado à cova dos leões na Babilônia. Seu nome em hebraico é Habaqqûq, forma singular e de significação ignorada.

No v. 1 de sua obra encontramos elementos suficientes para a credibilidade de seu escrito, ao ser anunciado: "*Oráculo* que o *profeta* Habacuc recebeu em *visão*".

As expressões: *oráculo* (massa') que o *profeta* (nabî') *viu (*hazah*),* na literatura profética, credenciam quem as carrega como o mensageiro da palavra de Javé – o que profere um oráculo recebido em revelação.

Ignora-se seu lugar de origem, o nome de seu pai e a época em que viveu. Contudo, ao longo do texto aparece intensamente inserido na problemática de seu tempo e fala de problemas concretos[1].

Há discussão quanto à classe profética a que pertence. A passagem da primeira seção do livro (Hab 1,1-24), assemelha-se a uma liturgia. Essa semelhança leva muitos peritos a considerarem a unidade como uma prece litúrgica em tempo de aflição, e admitirem que o profeta pertencia aos meios cultuais. Pensam mesmo que no texto encontra-se a linguagem da prece israelita, como nos Salmos. Estes autores, por isso, o classificam como profeta cultual, o profeta profissional do templo, que se punha à disposição de quem desejasse consultar a Deus. Outros não aceitam tal opinião; embora encontrem no texto de Habacuc afinidades com os Salmos, não chegam a defini-lo como "profeta cultual", pois os elementos presentes no livro não são suficientes para apoiar tal idéia.

Habacuc penetra no acontecimento histórico e, ao mesmo tempo, questiona esse acontecimento como ação do próprio Deus que constrói a História junto com o homem.

1.2. Contexto histórico da época de Habacuc

Os estudiosos da literatura profética não chegam a um acordo quanto à determinação do inimigo provocador dos males que assolam Judá.

Para muitos deles, os dados do livro permitem situar o contexto histórico em que viveu o profeta e determinar o sujeito de tanta violência descrita no texto:

> 1,6: *Eis que suscitarei os caldeus, esse povo cruel e impetuoso,*
> *que percorre vastas extensões da terra,*
> *para conquistar habitações que não lhe pertencem.*

1. SCHÖKEL, L. Alonso e SICRE DIAZ, J.L. *Profetas* II, p. 1123.

Os caldeus ou babilônios, começam sua ascensão política no Oriente Médio em 626. Já em 605 conquistam a hegemonia e seu peso é sentido por todos os seus vizinhos e, sobretudo, pela Palestina, dada sua situação de caminho para o Egito, cobiçada pela sede de poder das grandes potências do momento.

A passagem de Hab 1,5-11 poderia ser situada nesta época. No contexto literário, constitui a primeira resposta de Deus às queixas do profeta, e descreve a ferocidade da prepotência do inimigo ao mesmo tempo em que o condena:

> v. 5: *Olhai entre os povos e contemplai, espantai-vos, admirai-vos!*
> *Porque realizo em vossos dias uma obra, vós não acreditaríeis se fosse contada.*
>
> v. 6: *... eis que suscitarei os caldeus...*
>
> v. 11: *Então o vento virou e passou...*
> *É culpado aquele cuja força é seu deus!*

Os textos 1,14-17 e 2,6-20 parecem referir-se à opressão desses "temidos cavaleiros que galopam e voam buscando a quem devorar". Segundo a opinião de muitos exegetas, provavelmente correspondem aos anos 602/601 em que Judá, acossado por esse inimigo, é obrigado a pagar-lhe pesados tributos e suportar o peso de suas atrocidades.

A política interna de Judá dificulta a vida do povo. A monarquia atravessa o seu fim com os prenúncios da invasão babilônica.

São os últimos 50 anos do reinado da Casa de Davi com Amon (642), Josias (640), Joaquim (609), Jeconias (598) e Sedecias (586), que ouvem, nesse séc. VII, a palavra de grandes profetas, como Sofonias (630), Jeremias (627s), Naum (612s), Habacuc (600s)[2].

Ao lado destes grandes profetas, Habacuc apresenta algo singular que coloca sua obra, com apenas três capítulos, entre as mais interessantes, as mais difíceis e uma das mais profundas do Antigo Testamento.

Essa singularidade decorre da relação entre as conseqüências do imperialismo das grandes potências, sua conseqüente desumanidade e a profunda convicção de fé do profeta.

As grandes potências militares e econômicas que dominam o mundo impõem suas leis de modo determinante e autocontrolável; desconhecem qualquer outra intervenção, fazem de "sua força o seu deus!"[3] Muitos aceitam a situação sem discuti-la. Outros apenas não a aceitam. Há, porém, embora poucos, os que refletem teologicamente sobre a questão. Entre estes últimos estão os profetas, e Habacuc de modo singular, apresentando algo original ao pensamento teológico vigente.

O problema do imperialismo na Bíblia é contínuo e muito forte. As grandes potências do mundo antigo: Assíria, Egito, Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma, no jogo da conquista da hegemonia entre as nações, sucedem-se no desfile dos dominadores. São

2. Atribuições de datas presumidas, uma vez que há grande discussão em torno do profeta quanto à época, lugar e objeto de seus oráculos.

3. Cf. Hab 1,11b.

impulsionadas pela arrogância, pela prepotência dos déspotas que tudo sacrificam, principalmente os seres humanos, aos *deuses*, por eles mesmos fabricados: a *riqueza*, o *poder*, o *prazer*, a fim de obterem a realização de seus desejos, os quais perseguem sempre movidos pelo instinto mimético.

Se estas nações dominaram sucessivamente o povo de Israel, desde o século VIII, até que a nação judaica se tornasse um monte de ruínas (séc. VI), já antes, desde a fundação da monarquia, o povo sentia o peso da mão opressora de seus próprios monarcas.

A realidade da chegada do invasor foi percebida pelos profetas contemporâneos da epopéia. Isaías (9,4) ouviu o som "das botas que pisavam ruidosamente o chão, e viu as vestes dos assassinos ensopadas de sangue", testemunhando a invasão da Assíria (séc. VIII) e ao mesmo tempo profetizando sua destruição: "Essas vestes serão queimadas e devoradas pelas chamas!"

Joel compara tais invasões com pragas de gafanhotos, quando escreve em 2,2-10:

> *Como crepúsculo que se estende pelos montes,*
> *é o exército denso e numeroso (...)*
> *Na vanguarda o fogo devora, atrás dele a chama consome.*
> *Adiante dele a terra é um jardim, atrás, um deserto triste e desolado!*
> *Nada lhe escapa!...*
> *Diante dele os povos tremem de medo, e todas as faces empalidecem...*
> *Assaltam a cidade, escalam muralhas,*
> *sobem as casas, penetram como ladrões pelas janelas.*
> *Diante deles, a terra treme e se comove o céu;*
> *sol e lua escurecem,*
> *e some o brilho das estrelas!*

1.3. A presença dos caldeus em Israel

Conforme a profecia de Naum, Nínive cai sob o poder dos babilônios em 612. O profeta Jeremias (cap. 51) julga a derrota das nações como um castigo de Deus. Em Judá, a sucessão dos reis Josias e Joacaz e as alianças estrangeiras levam Joaquim, homem despótico, odiado pelo seu povo, ao trono, sob a tutela do Egito. Ao mesmo tempo, cresce a hegemonia da Babilônia sob o comando de Nabopolassar. Com a doença deste soberano (605), seu filho Nabucodonosor toma as rédeas do império, assume o comando do exército, conquista Carquemis, levando a devastação até Israel e sobrepondo-se ao Egito. Joaquim, aliado do Egito, nega obediência a Nabucodonosor. Sua rebeldia dura pouco: em 603/602, se entrega ao novo opressor e é levado para o exílio. Nesse espaço de tempo, Judá é palco de todas as violências imagináveis, que culminam na destruição de Jerusalém e do Templo, descritas por Jeremias, sobretudo nas Lamentações.

Habacuc descreve a força destruidora do "vassalo da morte" em termos não menos poéticos e aterradores, em 1,6-11, passagem que, no contexto literário de sua obra, corresponde ao primeiro oráculo de Javé:

> v. 6: *Eis que suscitarei os caldeus, esse povo cruel e impetuoso*
> *que percorre as extensões do país,*
> *para conquistar habitações que não lhes pertencem.*

> v. 7: *Ele é terrível e temível, dele mesmo procede seu direito e sua grandeza.*
>
> v. 8: *Seus cavalos são mais rápidos que as panteras,*
> *mais ferozes que os lobos da estepe.*
> *Seus cavaleiros galopam, chegam de longe;*
> *revoam como águia que se precipita sobre a presa para a devorar.*
>
> v. 9: *Acorrem todos para a violência;*
> *sua face ardente é como o vento do oriente.*[4]
> *Eles amontoam prisioneiros como areia!*
>
> v. 10: *Zombam dos reis; riem-se dos príncipes e de toda fortaleza; destroem as barreiras e tomam todas as possessões!*

Vê-se que Habacuc está, como os outros profetas, perfeitamente inserido no seu tempo, conhecedor de todas as ocorrências. É testemunha dos despotismos dos grandes Impérios e suas conseqüências: violação da justiça, do direito, sementeira de violência e de morte.[5]

Diante desta desgraça nacional, em vez de julgar os acontecimentos como flagelo de Deus sobre o povo infiel e pregar a conversão, vendo na História a própria ação de Javé, inicia com ele um diálogo pedindo-lhe explicações sobre sua atitude:

> 1,2-4: *Até quando pedirei socorro e não ouvirás,*
> *gritarei a Ti "violência" e não salvarás?!*
> *Por que me fazes ver a iniqüidade e contemplar as desgraças?*
> *Opressão e violência estão diante de mim,*
> *há disputa, levantam-se contendas!*
> *A Lei enfraquece, e o direito desaparece.*
> *Sim, o ímpio se sobrepõe ao justo, e o direito aparece distorcido!*[6]

Essas palavras de Habacuc são eco de Jeremias 6,7 e Miquéias 7,2, do mesmo contexto histórico:

> Jr 6,7: *Como um poço faz brotar as suas águas,*
> *assim ele faz brotar a sua maldade.*
> *Violência e devastação é o que se houve nela,*
> *há continuamente diante de mim doenças e ferimento.*

E Miquéias 7,2 complementa:

> *O fiel desapareceu do país*
> *e não há mais justo entre os homens.*
> *Todos estão sedentos de sangue,*
> *cada qual persegue o seu próximo.*

4. Vento quente e seco do deserto que queima.

5. Cf. Jr 14,9; 6,7; 9,2-3; Jó 19,7; Sl 18,42; Am 3,9-10; Mq 7,2; Is 19,14.

6. Essa passagem nos faz lembrar o poema de Castro Alves *Vozes d'África*, quando, diante dos horrores da violência da escravidão, o poeta exclama em seus versos: "Deus, ó Deus, onde estás que não respondes? Em que mundo, em que estrela tu te escondes, embuçado nos céus? Há dois mil anos te mandei meu grito que embalde desde então corre o infinito... Onde estás, Senhor Deus!...

Na seqüência de sua obra, Habacuc suplanta essa primeira reflexão, comum a Jeremias e a Miquéias, e ao mesmo tempo se torna um símbolo, pois supera seu momento histórico e a consciência teológica desse momento que vê na ação do inimigo um castigo de Deus. Não aceita essa corrente teológica. Mergulha na questão histórica enquanto ação de Deus entre os homens, no que ele crê sem duvidar[7]. Porém, não aceita que tanta violência e destruição sejam castigo de Deus; nem mesmo aceita que tanta violência, tanto sofrimento, tanta morte, tanto desrespeito da pessoa humana sejam ação de Deus na História. Levanta sua voz, não para explicar a causa de tanto sangue que corre de seus irmãos, mas para pedir a Deus uma explicação para esses acontecimentos; pedir a Deus uma luz para que entenda a violência entre os homens.

Toma a iniciativa de sair dos padrões normais da profecia, que consiste em ouvir a Deus e transmitir ao povo seus oráculos, ou perscrutá-los nos acontecimentos da história, para anunciar a vontade divina ou denunciar a violação da Aliança do povo com Javé. Habacuc toma a iniciativa de pedir explicações a Javé, exige uma resposta e espera.

Sua profecia, certamente fruto de muita oração e reflexão, se converte num diálogo com Deus, pois este é o gênero literário com o qual se pode classificar o texto.

Desse diálogo nasce uma luz para aquele presente histórico, cujos raios se perpetuaram para orientar o futuro e iluminar até os nossos dias.

2. A profecia de Habacuc

O profeta começa com uma queixa:

> *Até quando, Senhor, clamarei sem que me escutes?*
> *Até quando gritarei "Violência!", sem que salves? (1,2)*

Pode-se dar ao livro, capítulos 1–3, a seguinte estrutura que parece coerente e unitária, e cujas partes estão bem marcadas:

1ª Parte 1,1–2,4: Diálogo entre Deus e o profeta;

2ª Parte 2,5-20: Os "Ais!" – Imprecações contra o inimigo;

3ª Parte 3,1-19: Oração do profeta – Apelo à intervenção de Deus.

Percebe-se, através dos três capítulos, um marcante ritmo de pensamento.

2.1. Diálogo com Deus

Já na 1ª Parte 1,1–2,4, no *Diálogo com Deus*, que se desdobra em quatro pequenas unidades, intercalam-se duas queixas de Habacuc com dois pronunciamentos de Javé:

1,2-4: *A lamentação do profeta*: a decadência da justiça e a proliferação da violência;

1,5-11: *Deus responde anunciando a invasão dos caldeus;*

7. Cf. SICRE, J. Luis. *O Profetismo em Israel*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 285s.

1,12–2,1: *O profeta protesta contra a crueldade do invasor.*

Em 2,1, lança a Javé um último desafio, declarando-se em atitude de *permanente vigilância, para ouvir qual será a resposta de Deus.*

2,2-4: *Segunda intervenção de Deus*, dando a resposta tão esperada. Garantindo sua intervenção, dá um novo impulso à questão, respondendo ao profeta. O argumento culmina quando em 2,4 Deus declara:

> *Eis que sucumbe aquele cuja alma não é reta,*
> *mas o justo viverá por sua fidelidade.*

Essa passagem será citada três vezes por Paulo: "O justo viverá por sua fidelidade"[8]. Podemos entender a passagem como a ação do ímpio que, perseguindo diretamente o justo, sustenta-se com sua destruição (1,4a; 1,13b); mas ele, o ímpio, sucumbirá, seu naufrágio virá de suas próprias ações, as quais causam igualmente a desgraça do justo.

Pode-se dizer que a sorte do ímpio está presa ao sofrimento que causa ao justo. Ambos têm seus destinos entrelaçados, embora contraditórios. A desgraça que o ímpio causa, julgando-se senhor da vida, reverte contra ele (2,6-20); e a morte sofrida pelo justo, julgando-se perdido, transforma-se para ele em vida.

A sorte final do ímpio está presa aos limites de suas ações; terá como resultado sua destruição, para a qual o justo, enquanto alvo de sua violência, também contribuirá. A fidelidade do justo é a força desta transformação. A força de sua resistência, a força de sua luta que persiste, colaboram para erradicar a impiedade, até que se implante a liberdade, a paz e a vida: "O justo por sua fidelidade terá a vida!"

Habacuc, no seu entender da revelação de Deus, coloca na reação do justo – a fidelidade a Javé – o destino de sua vida no combate com o ímpio para a conquista da paz. Recusa esta conquista através de outras intervenções, como o recurso aos "exércitos" internos ou externos. Ele rompe não só o círculo vicioso de que a violência se vence com maior violência, mas muda o eixo da salvação; dá-lhe um novo vetor, que não será mais a força dos deuses pagãos seus sustentadores, mas *a justiça* e *a confiança cuja origem está em Javé.* Quebra assim as pilastras da idolatria, recolocando em seu devido lugar a fé em Javé como único e verdadeiro Deus e suas devidas exigências.

Tal caminho novo não afasta a luta; pelo contrário, é um caminho que só será aberto com grande tenacidade, pavimentado com perseverança e dedicação, tendo como seta, em cada curva, a orientação segura: "*Justiça e Direito*".

2.2. Os "Ais!" – Imprecações contra o inimigo em 2,5-20

Habacuc reflete sobre a iniqüidade do ímpio, condena sua desumanidade cuja prática redunda em violência e só violência, e as conseqüências de suas ações para sua própria vida. Portanto, nestas lamentações, ao mesmo tempo em que encontramos a

8. Cf. Rm 1,17; Gl 3,11; Hb 10,38.

condenação das atitudes do déspota e sua sorte, deparamos com as causas de sua desumanidade; com as causas de tanta violência desencadeada sobre os mais fracos, o que aqui enfatizamos nos cincos "Ais!":

1 – *Ai! daquele que acumula o que não é seu, e se carrega de penhores...*

2 – *Ai! daquele que ajunta ganhos injustos para sua casa,*
para colocar bem alto seu ninho, para escapar da desgraça!...

3 – *Ai! daquele que constrói uma cidade com sangue*
e funda uma capital na injustiça!...

4 – *Ai! daquele que faz beber o seu vizinho*
e mistura seu veneno até embriagá-lo, para ver sua nudez!...

5 – *Ai! daquele que diz à madeira: "Desperta!"*
e à pedra silenciosa e inerte: "Acorda!"...

Destes cincos "Ais!" destacamos, numa síntese, os atos de violência do ímpio:

1 – o roubo, a corrupção, desejo das riquezas dos bens materiais;

2 – a ganância: garantia dos bens, desejo de riquezas e do bem-estar;

3 – desrespeito à justiça e ao direito pela exploração do próximo, em vista de seu bem-estar;

4 – luxúria que explora o outro para saciar sua cupidez e libidinosidade;

5 – construção de ídolos para explicar seus desvarios contra a natureza humana e justificar suas atitudes criminosas.

Diante disso, pode-se resumir como causas da violência: a avidez pelos bens materiais e sua acumulação; o desejo do bem-estar, a preço de sangue e injustiça; a luxúria; a criação de ídolos a seu próprio serviço.

O conquistador babilônico, como todo ímpio, é insaciável na sua fome de ceifar vidas humanas, seja para apropriar-se de seus bens, seja para colocá-las ao serviço de seu bem-estar e lascividade[9]. Transforma-as, assim, em vítimas sacrificadas nos altares de seus deuses; sacrifica-as para ter em mãos os bens que se transformaram em ídolos, dos quais espera "salvação", ou seja, a satisfação de todos os seus desejos e afastamento de todas as desgraças: o poder, a riqueza, o prazer. Mas no próprio texto dos "Ais!" o profeta prevê que não será para sempre o seu triunfo. Chegará a hora em que os povos oprimidos se levantarão contra ele e com sátiras celebrarão sua derrota (cf. 2,5-20):

Dos bens apropriados por roubo ou corrupção será um dia exigida devolução (2,7).

Do sangue derramado e das violências cometidas será exigida explicação e resgate (2,8).

9. Cf. Pr 27,20; 30,15s.

Por meios desonestos, o opressor quis pôr-se a salvo de toda necessidade, "pondo bem alto seu ninho" como o pássaro que se aninha na rocha inacessível para não ser presa dos predadores. Entretanto, não ficará livre da ruína quando ela chegar (2,11).

Tudo quanto armazenou e construiu com opressão, violência ou corrupção, contra ele se levantará e numa tragédia o fulminará[10].

Alerta que por muito que trabalhem os que constroem a cidade (os políticos), se não o fazem com justiça, trabalham para o fogo, para sua própria destruição e se cansam por nada (2,13).

O profeta ressalta o cinismo do opressor que, com torturas, atitudes nefandas, avilta a dignidade do homem[11]. A Babilônia excedeu-se na humilhação e destruição dos povos mais fracos usando sua força. Seu império não durou muito tempo. Jeremias 50–55 narra o seu trágico fim, e como o seu império foi reduzido a cinzas.

A cegueira e insensatez chegam a tal grau no coração dos tiranos que não são capazes de perceber que os valores que absolutizaram (como promotores de felicidade e de salvação: o poder, a riqueza e o prazer) são tão impotentes como a madeira ou a pedra que erigiram em ídolos. São inertes, incapazes de conhecer e solucionar as necessidades de seus adoradores.

Como tais, são as soluções neoliberais de hoje, calcadas na economia de mercado, propostas para solucionar o problema do bem-estar, da felicidade, da paz da humanidade a custo do sacrifício de grande parte da população do mundo. São ídolos mudos, surdos e cegos aos reais problemas do ser humano, embora prepotentes apontando técnicas como solução e cheios de promessas duplamente falsas: seja por sua própria natureza que não contém elementos capazes de fornecer solução, seja na própria intenção de realizar o prometido. No embalo da economia de mercado, a humanidade caminha para sua autodestruição. Os dominadores, com a destruição que provocam, semeiam sua própria ruína.

A posse dos bens materiais (o "Ter"), a livre disposição sobre eles (o "Poder"), o resultado de sua posse (o "Bem-estar, o Luxo, o Prazer") são as forças que determinam o agir do opressor de todos os tempos como se fossem deuses, a origem de toda felicidade e realizadores de todos os sonhos. Hoje estão sintetizados no ídolo do mercado: falso deus, mas que inflama a vontade e determina as estratégias, se autocontrola para ser buscado a qualquer preço, ainda que seja a custo da vida de muitos. E os povos silenciosos lhes prestam adoração e se deixam, como vítimas, lhe serem sacrificados.

Dêutero-Isaías mostra que esse poder dos ídolos é o poder militar e cultural dos babilônios. Eles tinham o poder político nas mãos e a força dos exércitos. Como a soma e exercício desses poderes, as suas pegadas foram esteiras de cadáveres. Embora oprimido por eles, Israel não deveria reconhecê-los e nem se curvar diante deles.

10. A História de nossos políticos corruptos, hoje, comprova essa afirmação.

11. Cf. "Brasil nunca mais".

A resistência dolorosa à idolatria vinda da opressão levou Israel a descobrir que só em Javé está a salvação (Is 44,6; 45,21). E Habacuc, ao sentir e reconhecer essa opressão, refletiu sobre sua origem e conseqüências, e elevou seu coração em prece ao Senhor. Essa oração constitui a terceira parte de seu livro: 3,1-17. Texto poético que pode ser assim estruturado:

3,2: Súplica inicial	v. 2	*Javé, ouvi a tua mensagem, temi, Javé, a tua obra!* *Em nosso tempo faze revivê-la,* *em nosso tempo manifesta-a,* *na cólera lembra-te de ter compaixão.*
3,3-11: Descreve a força do poder de Deus com elementos míticos e lembranças da ação de Deus na História	v. 3	*Eloá vem de Temã e o Santo do monte Farã,* *a sua majestade cobre os céus* *e a terra está cheia de seu louvor.*
	v. 4	*Seu brilho é como a luz, raios saem de sua mão, lá está o segredo de sua força.*
	v. 5	*Diante dele caminha a peste* *e a febre segue os seus passos.*
	v. 6	*Ele pára e faz tremer a terra,* *olha e faz vacilar as nações.* *As montanhas eternas são destroçadas,* *desfazem-se as colinas antigas,* *seus caminhos de sempre.*
	v. 7	*Vi em aflição as tendas de Cusã,* *estão agitadas as tendas de Madiã.*
	v. 8	*Será contra os rios, já que a tua cólera se inflama,* *ou teu furor contra o mar* *para que montes em teus cavalos,* *em teus carros vitoriosos?*
	v. 9	*Tu desnudas o teu arco,* *sacias de flechas as suas cordas.* *fendes com torrentes a terra.*
	v. 10	*Ao ver-te as montanhas tremem;* *uma tromba d'água passa,* *o oceano primordial faz ouvir a sua voz,* *levanta para o alto as suas mãos.*
	v. 11	*Sol e lua permanecem em sua morada,* *diante da luz de tuas flechas que partem,* *diante do brilho do relâmpago de tuas lanças.*

3,12-15: Considera o terrível juízo de Deus e sua batalha final	v. 12	*Com cólera percorres a terra,* *com ira pisas as nações.*
	v. 13	*Tu saíste para salvar o teu povo,* *para salvar o teu ungido,* *destroçaste o cabeça da casa do ímpio,* *desnudando seus fundamentos até a rocha.*
	v. 14	*Traspassaste com teus dardos* *a cabeça de seus guerreiros,* *que se arremessavam para nos dispersar* *com gritos de alegria,* *como se fossem devorar um miserável!*
	v. 15	*Pisaste o mar com teus cavalos,* *o turbilhão das grandes águas!*
3,16-17: Confessa seu próprio temor	v. 16	*Eu ouvi! Minhas entranhas tremeram.* *A esse ruído meus lábios estremeceram,* *a cárie penetra meus ossos* *e os meus passos tornam-se vacilantes.*
	v. 17	*Porque a figueira não dará fruto* *e não haverá fruto nas vinhas.* *Decepcionará o produto da oliveira,* *e os campos não darão de comer,* *as ovelhas desaparecerão do aprisco* *e não haverá gado nos estábulos.*
3,18-19: Confia no Senhor, sua única força e salvação, num grande ato de fé	v. 18	*Eu, porém, me alegrarei em Javé,* *exultarei no Deus de minha salvação!*
	v. 19	*Javé, meu Senhor, é a minha força,* *torna meus pés semelhantes aos das gazelas,* *e faz-me caminhar nas alturas!*

3. O sentido do diálogo de Habacuc com Deus

Esse triunfo de Javé, consolo para o Profeta, tem um significado e uma explicação dentro do capítulo 3. Corresponde à prática da justiça e do direito que se opõem à violência do opressor. Só essa atitude dá segurança em Javé, o Deus da salvação.

É uma luta de atitudes opostas, de lutadores antagônicos, cuja duração levará o tempo que só Deus sabe, dado este conhecido do profeta que o leva a exclamar: "Até quando, Javé, pedirei socorro e não ouvirás?!" Luta que tem o próprio Deus como aliado do homem, lutando com ele num cenário hostil, só de violência incompatível com a presença do Senhor e sua ação na história, em que tudo parece fadado ao fracasso mas que encontrará a resposta de Javé, assegurando fins diferentes para o ímpio-invasor, e para o justo, segundo 2,4.

Contudo, essa passagem 2,4: "Eis que sucumbe aquele cuja alma não é reta, mas o justo viverá por sua fidelidade", considerada por alguns exegetas como um maxal sapiencial, e por outros, à luz do contexto precedente, como resposta particular e direta à pergunta do profeta, tem suscitado muitos problemas literários e teológicos.

Para Habacuc, o castigo do inimigo não lhe é suficiente como explicação última da violência. O desaparecimento de um tirano supõe o surgimento de outro, talvez pior que o anterior, como vinha sucedendo no Reino de Judá, dominado sucessivamente pelos Babilônios, Persas, Gregos e Romanos.

Permanece de pé o problema da justiça de Deus ao permitir a violência na História, já que a História é uma epifania de suas ações. Só a fé pode trazer ao profeta a paz; só a fé o convence de que Deus ama o seu povo e não o deixará perecer. Detesta a impiedade e não a deixará impune. Essas premissas são verdadeiras, mas atinar como esse amor é exercido e como essa punição se realiza dentro da justiça e misericórdia de Deus é o problema que incomoda o profeta e o impulsiona na busca do seu entendimento.

Habacuc compreendeu que "o justo viverá pela sua fé, enquanto o ímpio perecerá"! Essa interpretação da atitude de Javé é nova na literatura profética. Não aparece como quem condena um império ou um tirano, mas condena toda forma de imperialismo ou perversão.

Talvez a reflexão de Habacuc não nos convença, como também não nos convence a atitude final do livro de Jó. Habacuc e Jó percorrem o mesmo caminho. Transcendem à tradição. Atravessam o horizonte teológico de sua época, vão além das convicções comuns à consciência de Israel, para discutir com Deus até encontrar a resposta que permita penetrar um pouco mais nos seus planos enigmáticos sobre a História, sobre sua justiça, nos seus planos para com o homem, sua criatura, e para com a criação.

Habacuc não se preocupa com as questões concretas, mas perturba-o o jogo da hegemonia dos opressores no seu desfile triunfante e sucessivo na passarela das nações, pois são eles a causa das atrocidades da terra. São eles, com sua idolatria, os criadores da cultura da morte.

Sua atitude nova consiste em apresentar-se a Deus como juiz e inquisidor que julga e condena toda forma de opressão. Podemos afirmar que a atitude vital que Habacuc assume diante de Deus, ao contemplar os acontecimentos da História, supera o conteúdo teológico de sua obra e transcende à consciência comum da literatura profética. Sua confiança, sua esperança contra toda esperança, nascida da fé na justiça divina, traçam a única trilha que o pode levar a uma compreensão do problema da violência que a História suscita. A fé, que nasce do conhecimento de Deus, leva-o a aceitar seu plano, não de braços cruzados esperando soluções caídas do céu, mas na difícil luta pela vida, segundo sua vontade: pela implantação da justiça e do direito, únicos capazes de desterrar toda e qualquer violência e conduzir à conquista da paz e da felicidade.

Esse "Viver e Lutar" tem duas dimensões distintas com uma só vertente: a vida humana. As dimensões são: a vida em relação direta com Deus orientada pela Teologia – a busca do Deus da vida, como motivação e fim.

Segundo Santo Ireneu: "A glória de Deus é o homem vivo". Deus revela a essência de sua glória, sua presença na vida concreta do homem, na sua existência real. Conclui-se que o Deus da vida é o Deus que quer a vida do homem, e uma vida plena, em contradição com as forças da morte, a dominação dos falsos deuses que prometem os mesmos bens na única história que temos, a história humana aqui na terra, mas são impotentes para providenciá-los.

A vida do homem desejada e planejada por Deus é a vida nesta terra, na sua materialidade concreta do alimento, da bebida, da moradia, da saúde (Mt 5–7; 25,35-56) e todo o conjunto de elementos para torná-la plena.

O *Mercado* é o espaço onde se produzem, se reproduzem e se distribuem esses bens necessários à vida. Ao mesmo tempo em que o povo concorre para sua produção, é excluído de sua justa participação; os prepotentes senhores seus dirigentes e autocontroladores desvirtuam sua finalidade e se tornam os únicos beneficiados com o processo econômico, idolatrando os bens em si mesmos, buscando-os a qualquer custo como únicos salvadores, e idolatrando-se como únicos merecedores de seus benefícios. Nesse processo, o mercado se torna perverso, desvinculando-se das necessidades do povo em relação à vida social; passa a visar apenas o lucro pelo lucro para acumular riquezas e criar ídolos. O cultivo desses valores, assumidos por uma cultura como absolutos e únicos necessários, é o reverso da pregação de Jesus sobre o Reino (Mt 5–7), e tem como conseqüência a violência – instrumento para alcançar e acumular as riquezas.

"Violência!" O grito de Habacuc era o grito contra a idolatria da potência babilônica, era o anúncio do verdadeiro Deus da Vida! Pré-evangelho do "caminho da não violência" – a vereda da não retaliação, do perdão, da mansidão, do amor, trilhada e deixada por Jesus como explicação de Habacuc 2,4: "O justo viverá por sua fidelidade!"

"*Viverá*": a vida do justo depende do desaparecimento da opressão, a destruição dos ídolos.

"*Pela sua fidelidade*": trilhando o caminho de Jesus, rompendo a corrente da violência, com a restauração dos reais valores da vida: "O amor ao próximo, na medida de entregar por ele a própria vida"[12].

Maria Laura Gorgulho, P.Gap
Rua Marquês de Abrantes, 177/204
22230-060 Rio de Janeiro, RJ
marilor@abeunet.com.br

12. Jo 15,12.13.